

SÉRIE
No meio
do caminho

Na Amazônia, à beira do paraná do Urariá, singrando lagos e ygarapés sob as copas da mata alagada, escapando de bichos nos ygapós, percebendo na floresta a presença do espírito das onças que o protege, ouvindo histórias de dar medo na hora de dormir e outras da tradição de seu povo, o pequeno Yaguarê Yamã realiza o aprendizado da sobrevivência em contato com a natureza exuberante, intocada, preservada. Cresce em tamanho e em sabedoria com passeios e aventuras de gente grande, embora kurumĩ, e enfrenta bravamente o ritual da tukãdera. Seu povo, seus pais, irmãos e amigos, sua pequena aldeia, a grande floresta vista do rio permaneceriam gravados na mente do menino gente grande.

FTD

ISBN 978-85-322-6218-9

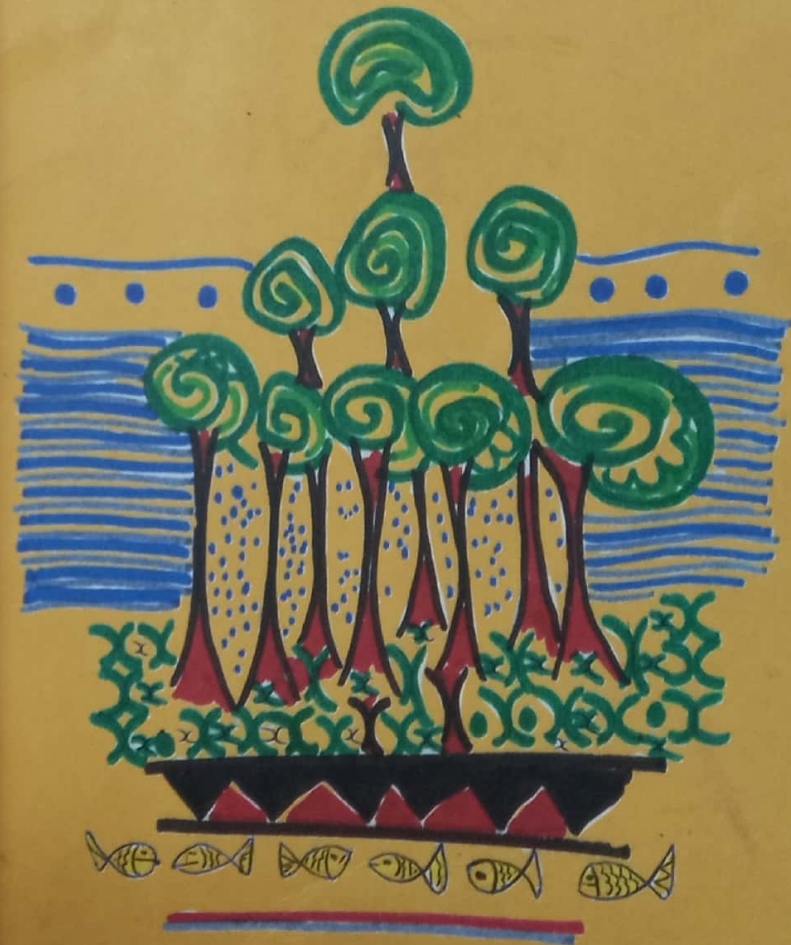


9 788532 262189

13307173

FTD

KURUMĨ GUARÉ NO Coração da Amazônia

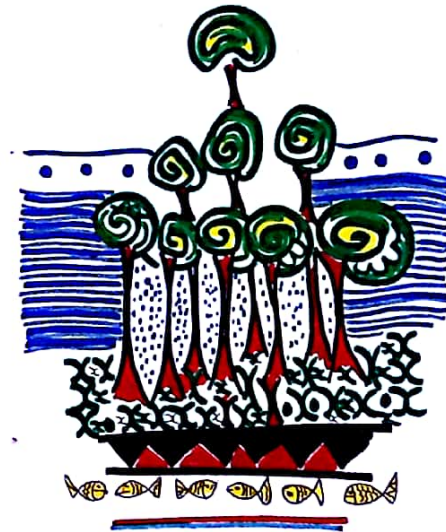


YAGUARÊ YAMÃ

Delma Pacheco Suesi
Em: 03/06/2014
VII Semana de Letras

KURUMĨ GUARÉ NO Coração da Amazônia

YAGUARÊ YAMÃ



Ilustrações
YAGUARÊ YAMÃ

1ª edição
 FTD
São Paulo - 2007

Copyright © Ozias Gloria de Oliveira, 2007
Todos os direitos reservados à

EDITORA FTD S.A.

Matriz: Rua Rui Barbosa, 156 (Bela Vista) São Paulo – SP
CEP 01326-010 – Tel. (0xx11) 3598-6000
Caixa Postal 65149 – CEP da Caixa Postal 01390-970
Internet: www.ftd.com.br E-mail: projetos@ftd.com.br

Editora Ceciliany Alves
Editora assistente Maria José Gonçalves
Preparadores e revisores de texto Adolfo José Facchini
Débora Andrade
Elvira Rocha
Maria Clara Barcellos Fontanella
Editora de arte e projeto gráfico Andréia Crema
Ilustrador Yaguarê Yamã
Diagramador Valmir S. Santos
Assistente editorial Vânia Aparecida dos Santos
Editoração eletrônica
Coordenação Carlos Rizzi
Reginaldo Soares Damasceno
Finalização Alceu Medeiros

Yaguarê Yamã, de etnia Maraguá-mawé e Maraguá-parintintim, nasceu no Amazonas. Formado em geografia, leciona no município amazonense de Nova Olinda do Norte. Autor de vários livros de literatura infantil e juvenil, faz palestras sobre a temática indígena e é artista plástico.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Yamã, Yaguarê
Kurumĩ guaré no coração da Amazônia /
Yaguarê Yamã; ilustrações do autor. — 1. ed. —
São Paulo : FTD, 2007.

ISBN 978-85-322-6218-9

1. Contos indígenas brasileiros — Literatura infanto-
juvenil I. Título.

07-6055

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos indígenas : Literatura infantojuvenil 028.5
2. Contos indígenas : Literatura juvenil 028.5



Ofereço a Moñag Deus, criador dos céus e da terra,
a meus filhos Kawrê e Kenatiê
e a meus sobrinhos Jonas, Lincon, Junior,
Sabuth, Jânio, Danilo, Derlan e Adean

Apresentando o meu mundo encantado

I katu'retê, amigos!

Meu nome tradicional é Yaguarê Yamã, que significa tribo de onças pequenas. Sou natural da região do paraná do Urariá, município de Nova Olinda do Norte, Amazonas. Pertencço ao povo indígena Maraguá.

Minha aldeia chama-se Novo Horizonte Yâbetué'y e localiza-se à margem direita do Urariá, na pequena área indígena, não demarcada, de Maraguapajy. A aldeia abriga pessoas de três etnias: Sateré-mawé, Parintintim e Maraguá. A população é falante de português, sateré e nhengatu, a língua oficial de nosso povo.

Há muito, muito tempo, a região do Urariá, palco de minhas aventuras infantis contadas neste livro, pertenceu aos Maraguá. Essa região foi excursionada por um longo tempo pelos Munduruku, povo guerreiro, que antigamente eram inimigos dos Maraguá. Os Maraguá recorreram ao auxílio dos Mawé e, com a fusão do meu povo com parte dos Sateré, a região passou a ser conhecida como dos Maraguá-mawé, que somos nós. Atualmente somos reconhecidos como Maraguá.

Vivi até os onze anos nessa região, quando os moradores eram somente indígenas. No início dos anos 1980 era ainda criança. Hoje tenho trinta anos e o livro que lhes escrevo é uma parte da memória que guardo dos meus bons tempos de infância, do tempo em que vivi nesse lugar fantástico, cheio de aventuras, no coração da Amazônia.

Gosto muito de escrever para crianças. Tenho a intenção de mostrar-lhes os ensinamentos da floresta, pois foi nela que aprendi e foi assim que me criei. Sempre quis escrever sobre a minha infância e mostrar um pouco da vida de uma criança indígena nascida numa floresta.

Finalmente realizei esse sonho. Espero que gostem das histórias e que entrem nesse mundo fantástico que é a floresta e a cultura tradicional indígena. E que possam aprender as lições que a natureza nos dá, compreender ainda mais nossa cultura e descobrir o que de melhor os povos indígenas têm para compartilhar com vocês.

Aproveitem nossas aventuras. Mergulhem nessa diversão que é a literatura e enriqueçam mais ainda seu saber. Muito obrigado e boa leitura.

Seu amigo Yaguarê Yamã



Aventuras de infância

Foi na aldeia Yābetué'y, onde vivi parte de minha infância, que aprendi muito do que sei hoje. Caçar, nadar, andar pelo mato, ouvir histórias e viver aventuras eram minhas atividades favoritas.

Nadar principalmente. Aprendi a nadar com uns quatro anos de idade. Na Amazônia, também chamada “mundo das águas”, toda criança que se preza aprende cedo a lidar com a água. Alguns, digo com toda a certeza, aprendem a nadar ainda bebês.

Na minha aldeia, no paraná do Urariá, o lugar de brincar que a criançada mais procurava era a beira de rio. E a brincadeira que mais nos divertia era o pega-pega dentro da água, que chamávamos manja ou pira.

Era todo dia. Começava nas primeiras horas da manhã, quando íamos buscar água para pôr no pote, responsabilidade de todo menino e menina. Só escovar os dentes não

bastava para satisfazer nosso começo de dia, então aproveitávamos para pular na água. Aí sim, depois de uns trinta minutos bem brincados, o dia estava ganho. Saíamos realizados da água, na certeza de que retornaríamos após o almoço, onde passaríamos a maior parte de nosso tempo livre, mais ou menos duas horas.

Eram três banhos diários e, no pôr do sol, após terminar o último dever para com os adultos, que geralmente era ajudar na plantação de **maniwa** ou buscar lenha no roçado, corríamos todos numa só algazarra para o caminho do porto e assim nos jogar de encontro à água mansa, que como destino já nos esperava para agitar-se. A beira do rio toda virava uma festa. Entre risadas e gritos a criançada aproveitava ao máximo essa diversão.

Minhas brincadeiras de infância eram assim: aventuras e curiosidades não faltavam. Como um implacável caçador mirim, não gostava de pescar. Quando era mandado ia, mas por livre vontade evitava. Mesmo quando meus colegas saíam para o lago colocar **malhadera** para pegar jaraquis, dizia que estava doente só para não ir. Na verdade, nunca aprendi direito a flechar na água em busca de peixe ou a enxergar a distância cardumes perto dos capins flutuantes. Posso dizer que não fui um pescador dos melhores.

O que gostava mesmo era de caçar, armar arapuça para pegar juruti e andar pela mata, tentando acertar algum passa-

rinho com minhas flechas de penas de jacu, as melhores penas para pontaria. Tinha vezes que passava horas amoitado só para acertar num pássaro qualquer que desse para assar e comer junto com um gostoso pirão de farinha. Desse tipo de aventura era o que gostava.

Os meus colegas eram todos da aldeia. Filhos de meus tios, meu irmão adolescente e vizinhos de minha idade. Uziel era meu irmão, Guaynã, Perëbek Yaguakã, os meus primos. Os demais eram Waikanã, Marapani, Kainã, Wataguá e Guirãmiri. Todos crianças arteiras, dispostas a atividades variadas e muito criativas. Havia outros meninos, mas a maioria eram mais crianças que a gente ou maiores. Meus outros irmãos eram da turma dos maiores. Uma turma de que almejávamos fazer parte, mas, enquanto a idade de passar pelo ritual da **tukãdera**, quando ganharíamos a maioridade, não chegava, nos contentávamos com nossa turma mesmo.

E como estamos falando de aventura, vale lembrar as várias expedições infantis que nós meninos fizemos, embrenhando-nos na mata por pura diversão. Imaginando-nos grandes guerreiros do passado, treinando seus gestos, procurando andar sem se perder. Imaginando animais ferozes que nos seguiam, corríamos sorrateiramente para depois procurar abrigo entre os galhos. Já a postos, atirávamos flechas em predadores imaginários à espreita. Nessa altura do tempo nossos pais nem imaginavam nosso paradeiro, mas sei que, com suas experiências

na tradição e confiando em nossa aprendizagem, sabiam que estávamos bem.

Na floresta é assim, os pais sempre confiam na sabedoria dos filhos, não é por acaso que a criança indígena é livre e tem liberdade para aprender brincando.

Uma vez, chegamos até a fronteira dos estados do Amazonas e do Pará. É verdade que não é muito distante da aldeia, mas foi um marco. Como a campina era extensa, na volta, corríamos sobre os capins olhando lindas araras voando pelo meio do céu. Eram araras vermelhas e pretas gritando em coro, as mais lindas, as que nossos pajés dizem ser nossas avós.

– Nossas avós? – perguntou-me, curioso, Marapanĩ (Vara forte) quando paramos para admirá-las.

– Sim, nossas avós! Você não estava presente quando o pajé nos contou a história de nossa origem?

– Eu estava, mas eu não entendi direito o que ele quis dizer com isso. Fiquei com vergonha de perguntar-lhe.

– Pois vou lhe dizer.

– Isso mesmo, Yaguarê! – falaram.

– Vamos sentar aqui – disse Waikanã (Espécie de árvore). – Assim relembremos nossa tradição e o que o pajé nos contou.

– Nada demais – disse. – Só que, se somos netos de Yawry-Monãg e Wasiry-Monãg, os deuses criadores de nosso

povo, então somos netos das suas esposas, que são a Arara-Vermelha e a filha do Guarunguá, o Peixe-boi. O pajé falou que usamos as penas vermelhas da arara-pirãga em nossos cocares e na luva de tukãdera justamente para homenageá-la como nossa avó, pois foi a herança que ela nos deixou quando casou com Yawry-Monãg, nosso avó mais velho.

– E a filha do Peixe-boi? – perguntou afoito Yaguakã (Cabeça de onça), sem esperar que outro perguntasse primeiro.

– A filha do Peixe-boi se casou com Wasiry-Monãg, nosso avó mais novo e filho de Yawry-Monãg. Somos chamados povo do ygapó ou da várzea não é por acaso. Através de sua filha, o Guarunguá (Peixe-boi) tornou-se o nosso maior símbolo.

– Então é por isso que nos chamamos Maraguá!

– Sim, Maraguá é o povo dos ygapós, nossa região tradicional preferida para morar e também a dos Guarunguás – falei. – Agora acho melhor continuarmos a viagem para não chegar tarde na aldeia.

E me pus na frente, aproveitando o momento de meu prestígio como “sábio mirim”. E segui muito feliz por ter repassado direitinho o ensinamento que o pajé havia me ensinado.

Nossas aventuras no mato duravam pouco mais de duas horas. Quando saíamos nessas excursões, tínhamos como dever voltar antes do pôr do sol. E geralmente havia alguém de mais idade como líder. Ele nos orientava melhor.

Meu segundo irmão mais velho era líder, acbo que estava com uns doze anos e já havia passado pelo ritual da tukãdera. Quando íamos sair, reunia uma turminha de seis a sete crianças, arrumava a fila e, na frente, dava a ordem para entrarmos na mata. Assim ele ia, liderando uma turma de pequenos aventureiros que só tinham uma ideia na cabeça: mostrar capacidade, habilidade e coragem aos outros, mas nem todas as vezes agíamos com sabedoria.

Lembro-me de uma vez em que fomos perseguidos por porcos-do-mato. O mais novo dos colegas, o **xerimbabo**, como nós o tratávamos, havia mexido com uma cria da manada. Com os gritos do porquinho, os outros vieram em seu auxílio e avançaram em nossa direção.

Foi um aperto. Não havia árvores para subir, o lugar era todo cultivado de maniwa, por isso tivemos que correr apavorados na frente dos porcos e seria sério se no fim não se tornasse engraçado, quando já a salvo começamos a rir. Mas naquele momento passamos por um grande aperto, nossas mentes infantis é que não compreenderam o grau de perigo em que nos metemos. Na fuga, um amigo tentava passar na frente do outro e vice-versa. Nessas horas de perigo, não sei, não, ainda não éramos os heróis que queríamos parecer.

Finalmente chegamos à beira de um lago. Fomos logo nos atirando na água e mergulhando para em seguida boiar muito longe dos porcos. Nada nos aconteceu, ainda que pudesse. Mas fomos bem cuidados por **Monãg**.

Tivemos muitas aventuras como essas, algumas foram tão perigosas que juramos não contar aos nossos pais, pois sabíamos que se soubessem iam começar a limitar nossas expedições. Algumas vezes nos arrependíamos e prometíamos não mais fazer igual. Mas, passado o susto, no outro dia já estávamos atravessando algum rio a nado, capturando algum filhote de onça ou procurando algum caminho que pudesse nos levar para alguma terra encantada, talvez o reino da cobra-grande em algum olho-d'água à margem de lagos quase desconhecidos. Atravessando florestas, alcançando campos cerrados e **ygarapés**, por aí andávamos, sem ligar para o cansaço.

Existia muita caça nesses tempos. Não era raro ouvir debandada de antas e capivaras fugindo de onça ou revoada de inambus em cima das árvores sob as quais passávamos. Logo um menino atirava a flecha feita de **sororoka** e, se errasse, demonstrava raiva e, chamando nome feio, chutava as folhas caídas no chão da mata. A turma toda se ria e embalados saíamos flechando para o alto, em direção às aves.



Meu segundo irmão mais velho era líder, acho que estava com uns doze anos e já havia passado pelo ritual da tukãdera. Quando íamos sair, reunia uma turminha de seis a sete crianças, arrumava a fila e, na frente, dava a ordem para entrarmos na mata. Assim ele ia, liderando uma turma de pequenos aventureiros que só tinham uma ideia na cabeça: mostrar capacidade, habilidade e coragem aos outros, mas nem todas as vezes agíamos com sabedoria.

Lembro-me de uma vez em que fomos perseguidos por porcos-do-mato. O mais novo dos colegas, o **xerimbabo**, como nós o tratávamos, havia mexido com uma cria da manada. Com os gritos do porquinho, os outros vieram em seu auxílio e avançaram em nossa direção.

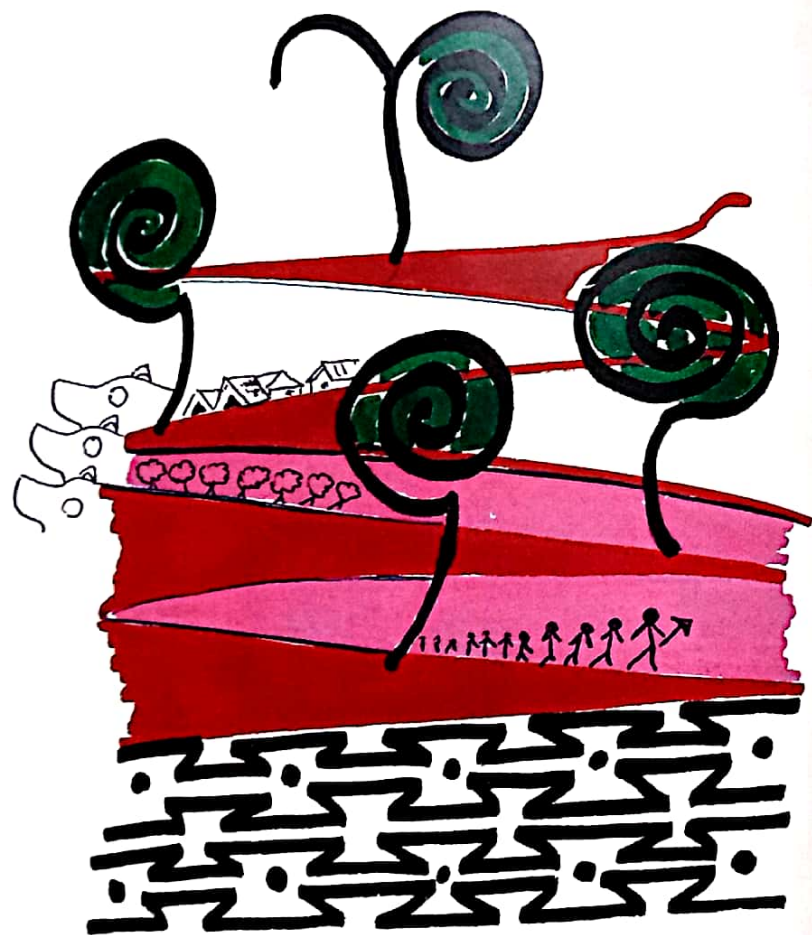
Foi um aperto. Não havia árvores para subir, o lugar era todo cultivado de maniwa, por isso tivemos que correr apavorados na frente dos porcos e seria sério se no fim não se tornasse engraçado, quando já a salvo começamos a rir. Mas naquele momento passamos por um grande aperto, nossas mentes infantis é que não compreenderam o grau de perigo em que nos metemos. Na fuga, um amigo tentava passar na frente do outro e vice-versa. Nessas horas de perigo, não sei, não, ainda não éramos os heróis que queríamos parecer.

Finalmente chegamos à beira de um lago. Fomos logo nos atirando na água e mergulhando para em seguida boiar muito longe dos porcos. Nada nos aconteceu, ainda que pudesse. Mas fomos bem cuidados por **Monãg**.

Tivemos muitas aventuras como essas, algumas foram tão perigosas que juramos não contar aos nossos pais, pois sabíamos que se soubessem iam começar a limitar nossas expedições. Algumas vezes nos arrependíamos e prometíamos não mais fazer igual. Mas, passado o susto, no outro dia já estávamos atravessando algum rio a nado, capturando algum filhote de onça ou procurando algum caminho que pudesse nos levar para alguma terra encantada, talvez o reino da cobra-grande em algum olho-d'água à margem de lagos quase desconhecidos. Atravessando florestas, alcançando campos cerrados e **ygarapés**, por aí andávamos, sem ligar para o cansaço.

Existia muita caça nesses tempos. Não era raro ouvir debandada de antas e capivaras fugindo de onça ou revoada de inambus em cima das árvores sob as quais passávamos. Logo um menino atirava a flecha feita de **sororoka** e, se errasse, demonstrava raiva e, chamando nome feio, chutava as folhas caídas no chão da mata. A turma toda se ria e embalados saíamos flechando para o alto, em direção às aves.





O mais novo da turma

Se alguma inambu fosse abatida, quem a flechara corria para alcançá-la. Depois deixava para o mais novo da turma carregá-la.

Eu nunca fui o mais novo da turma, por isso não sei dizer muito a respeito de ser xerimbabo, como o chamávamos, e que tinha sempre esses trabalhos: carregar mantimentos e fazer mandados. Que situação! O xerimbabo era sempre o último a saber das coisas e o último a dar opinião. Aquele menorzinho no fim da fila.

Porém, a pessoa que vem por último tem quase noventa por cento de chance de escapar de um acidente com cobra

venenosa. Em minha vida de aventureiro mirim, aprendi que o último quase sempre é o primeiro, ainda mais em se tratando de fuga em que a turma precisa correr ao se ver em perigo, que pode vir tanto pela frente quanto por trás. Se o perigo vier de trás, o último o pressente bem mais rápido que os da frente. Se o perigo vier da frente, mesmo com o líder correndo primeiro, o último é o que tem mais espaço, tempo e liberdade para fugir pela retaguarda.

Por isso digo que é privilégio ser o último e de maneira nenhuma é um desconforto. O mais calado é o mais atento, e o que carrega o mantimento é o verdadeiro dono da comida. Imagine quem ficaria com o alimento caso houvesse uma debandada da turma!

Numa vez, andando em fila, como era costume, estávamos atravessando um terreno pantanoso onde a lama alcançava nossos tornozelos. Conversando, nos distraímos, sem nos dar conta de que a qualquer momento poderíamos estar em perigo.

Enquanto o líder da turminha falava, ninguém da frente da fila notou uma cobra pepéua se aproximar e parar, brava, bem na nossa frente. E agora?

Todos estariam em maus lençóis se não fosse Kainã, o menorzinho da turma, aquele a quem ninguém costumava dar ouvidos.

Sendo o último, Kainã prestava atenção por onde íamos. Foi assim que ele viu a cobra se aproximando e gritou para pararmos. Ficamos paralisados em frente da cobra, que, com ar zangado, também se pôs em pé diante da gente, tufando seu pescoço como uma naja a ponto de nos atacar. Ela se arremessou contra nós, mas, avisados por Kainã, pulamos de uma só vez para trás. A cobra então deu um novo bote e pulamos dessa vez para a frente, daí corremos um para cada lado e ela ficou sem saber quem atacar. Foi então que começamos a brincar de pega-pega com ela. A cobra não gostou nem um pouco de ser nosso brinquedo, cansou de nos atacar e foi embora serpenteando pelo capim.

Mesmo com a sensatez de Kainã, que pedia para não amolarmos a cobra, corremos atrás dela sem lhe dar trégua. Cercamos a cobra mais uma vez, abusando de sua paciência. Nesse instante, um de nossos colegas pisou em falso no capim encharcado e caiu na lama. Kainã, que preocupado via tudo, pegou com rapidez uma flecha e atirou na direção da perna do colega. Subitamente vimos uma surucucu ser abatida na nossa frente. Kainã havia salvado a vida do nosso colega. A cobra ia dando o bote para picá-lo e, no salto que deu, o bom menino a interceptou com uma flechada certeira. Foi por um triz. Pasmos, paramos de correr, cientes de que, se não fosse a precaução de Kainã, nosso amiguinho estaria morto a essa hora.

Agradecemos a ele e, daquele dia em diante, passamos a ter o nosso menor da turma como o maior e a respeitá-lo mais do que antes.

Noutra vez aconteceu uma aventura em que passamos novamente por perigo e precisamos do último coleguinha da fila.

Íamos atrás de mary-mary, fruta muito gostosa e abundante em região de várzea. Dessa vez Kainã ficou, mas seu primo Guaynê, de quatro anos, foi. No entanto, Guaynê não seria o último, dessa vez todos queriam ser o último.

Seguimos caminho na mata e Ara'ãmói deixou todos passarem à sua frente para ficar atrás da fila. O maior de nós tornou-se o último. Interessante é que agora, intimamente, éramos sabedores da importância de quem fica por último e aprendemos isso com a natureza, a mais eficiente escola que existe.

O mary-maryzal era abundante, imaginamos logo que poderíamos comer muitas frutas e ainda levar algumas para nossas famílias. Mas não seria fácil chegar lá, precisaríamos atravessar, nadando, o Apé, lago místico onde diziam ser morada de uma gigantesca serpente que engolia todos os que se aproximassem.

À beira do lago, tivemos receio da cobra, mas a vontade de comer mary-mary era maior. Depois de uma breve petição

a Çukuyu'wéra, o espírito das águas, um dos coleguinhas entrou no lago e o seguimos.

Após um mergulho cuidadoso, nadamos próximos um do outro para que ninguém se distanciasse, e Ara'ãmói continuou na retaguarda. Porém mais uma vez o perigo não viria por trás, mas pela frente.

Três grandes jacarés-açus também entraram na água e vieram em nossa direção. Tentamos fugir em alvoroço, porém Ara'ãmói, com calma, pediu para não recuarmos de maneira desesperada. Deveríamos nadar calmos e rodeando os jacarés, apenas com as cabeças de fora, sem rapidez. E não é que deu certo? Também se não desse... Mas ele era afilhado do espírito da água, por isso confiamos em sua ideia.

Afastamo-nos com cuidado dos jacarés e pudemos chegar em paz até o outro lado. Subimos a ribanceira e finalmente estávamos trepados nos galhos dos mary-mary, degustando as deliciosas frutas.

Ficamos lá alguns minutos, pegamos muitas frutas, mas para voltar foi outro problema. Será que valia a pena voltar pelo mesmo caminho onde corremos perigo?

Guirámiri (Pássaro pequeno) nos lembrou da importância de não voltar por onde viemos:

– Na floresta é assim: nunca devemos andar por caminho já trilhado. O perigo se duplica e os espíritos não perdoam quem não segue suas leis. Se você correu algum

perigo indo, não o procure mais, vindo, voltando pelo mesmo caminho.

Aprendemos isso com nossos pais e com certeza eles esperavam que seguissemos seus conselhos.

Por isso, Guarapý (Pés de pássaro), escolhendo a direção, foi na frente da turma. Caminhamos uma hora até a aldeia mais próxima, dentro de um ygarapé que saía do lago. Lá encontramos Pirá'ray (Filho de peixe) e sua irmã Çupiára Morãga (Doce veneno), que nos levaram até seus pais. Foi assim que tomamos emprestada uma canoa e, mais seguros, voltamos para casa.

Chegamos em casa após o pôr do sol, porém aliviados. Estávamos bem porque ouvimos o conselho dos mais velhos. Já pensou se não tivéssemos ouvido? Quando nos viram chegando pelo rio, compreenderam que havíamos passado perigo na ida. Nos parabenizaram por tê-los ouvido. Cansados, só quisemos ficar nas redes, atadas entre as árvores próximas do terreiro da mirixawaruka, a casa do conselho.

Realmente, todos gostávamos de passear e passamos por muitas aventuras de gente grande, mesmo sendo crianças. No entanto, é bom esclarecer que, dependendo da cultura e tradição, cada sociedade tem sua maneira de lidar com o aprendizado da criança. A cultura indígena tradicional é muito

diferente da cultura ocidental moderna. Nossas aventuras e passeios pela mata eram amparados pelos adultos, que tinham nossas andanças como aprendizagem e preparação para nossas vidas. É bom saber que passear, viajar, viver aventuras é bom, mas se passarmos por algum perigo é sábio não procurar esse lugar duas vezes nem voltar pelo mesmo caminho. Se soubermos que algum perigo nos espera é melhor não ir. Se alguém mais experiente disser não, devemos dar ouvidos a ele. Não éramos experientes, por isso consultávamos sempre os mais velhos e não lhes desobedecíamos.





Vivendo a tradição

No que diz respeito à tradição, foi preocupação de meu pai ensinar-me a cultura de nosso povo. Desde criança, assim que comecei a entender as coisas, o que ele mais fazia era arranjar um tempo para contar histórias.

Reunia os filhos, sentava-se num banco no meio do terreiro, me chamava para perto, e quando não era eu era o meu irmão caçula. Assim, como se estivesse se preparando para uma apresentação, pegava a flauta e começava a tocá-la bem devagarinho. Aquele som ganhava asas, se propagava pelo ar e chegava melodiosamente ao ouvido das pessoas.

As crianças, curiosas, corriam para perto e com o maior respeito o rodeavam sentando-se no chão. Aquele era o ponto de partida para uma viagem ao mundo encantado do povo Maraguá. Quando estávamos todos sentados, meu pai detinha-se por um instante, fitava os olhos em cada olhar presente e começava a história.

Momento mágico era esse em nosso mundo infantil, vendo papai começar aquele ritual complementado pelas lindas

fábulas tradicionais do jabuti e a onça, da preguiça e o veado... Eram histórias que realmente entravam em nossos corações e aprendíamos com facilidade os seus ensinamentos.

Isso sem citar as sessões dos adultos. Mesmo não convidadas, nós, crianças, esperávamos a noite chegar e corríamos para junto deles na mirixawaruka, a casa do conselho, que ficava no meio do terreiro principal, para ouvir histórias de assombração. Não perdíamos uma só narrativa, ouvindo todas, bem atentos.

O problema começava quando a última história terminava e tínhamos que ir para nossas redes. Alguns dos meninos moravam em casas com acesso somente por um caminho estreito que, apesar de não ser longe, era escuro e margeado pela floresta. Imagine o trabalho que dava andar por ali e o medo que lhes sobrevinha quando se lembravam dos monstros das histórias contadas.

Para nós que dormíamos perto, em casas do outro lado do terreiro onde não havia árvores, também era um sofrimento. A escuridão era o grande desafio no caminho de volta. Quem ficava por último vinha correndo com medo, passava todo mundo, o que nos fazia correr também, amedrontados.

Mas não havia jeito. No outro dia estávamos lá, na expectativa de mais uma noite de histórias. Quanto mais temíamos, mais nos arriscávamos em ouvi-las, e permanecíamos em silêncio até o fim. Às vezes, como num ritual, saíamos em fila: o primeiro vigiava a frente e o último andava de costas, atento à retaguarda, para nos avisar se qualquer coisa se mexesse.

Porém o mais difícil ainda estava por vir, a hora de urinar. Nossas mães nos pressionavam para urinar antes de dormir, e assim não urinar na rede. Se alguém urinasse nela, era castigado de manhã, quando não, os outros meninos caçoavam. Essa era a prova: então tínhamos que urinar ao lado do grande terreiro e, para isso, nenhum coleguinha se prontificava a acompanhar. O medo de urinar lá fora parecia um grande tabu e, se pudéssemos, não iríamos urinar mais por toda a vida.

Acho muito especiais os momentos da infância. Nosso mundo é mágico e fica para sempre preso na lembrança. Tudo o que aconteceu com a gente, ou está acontecendo enquanto criança, fica em nossa alma como se fosse gravado com ferro em fogo. A alma da gente é o que temos de melhor. O que ouvimos participa também do que fazemos. Uma boa parte de nossa aprendizagem vem do que ouvimos, por isso a importância de dar somente ouvidos a coisas boas. Mas o que são coisas boas? Como diferenciá-las das coisas más?

Na minha infância, que foi um pouco diferente da da maioria das crianças da cidade, aprendi a dar ouvidos à natureza: o rio, as árvores, os animais pequenos, principalmente. Eles me falavam igualmente o que os mais velhos procuravam me ensinar, pois foi com eles que os mais velhos também aprenderam.

A sabedoria tradicional é muito certa, ela me ensinou que coisa boa é tudo aquilo que faz nosso espírito crescer. Os velhos dizem que nossa alma nasce pequena e, assim como

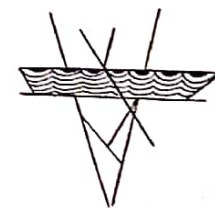
nós, cresce e aparece, para enfim ensinar as outras almas a ser o que a natureza espera de nós. Se ouvirmos nossos velhos, obteremos o conhecimento sobre as coisas boas porque elas são natureza e a natureza é tudo de bom para nossa alma.

Não quero dizer que adorar ouvir histórias de fantasmas seria uma coisa boa para todos. Isso depende da cultura e da religião à qual você pertence. Na cultura indígena, particularmente a de meu povo e a da gente de minha região, histórias de **visaje** nos ensinam e nos preparam para enfrentar o mundo e o futuro que não conhecemos. Na verdade, tudo o que vier pela frente são os nossos fantasmas. Conhecê-los e saber lidar com todo tipo de coisa que nos dá medo é prudente. Aí está a importância de ouvir essas histórias. Além da religião e da crença nesses seres, as histórias nos levam a respeitar cada ser, mas respeitar não é temer e sim saber lidar com eles para enfim aceitá-los como coisas naturais, como aprendemos os afazeres do dia a dia. Sempre há o momento de aprender e sempre há o momento de ensinar.

Um exemplo do momento de ensinar era quando meu pai tecia algum **yamaxy**, com talas de **warumã** ou **yasitara**, e chamava os filhos para ensinar-lhes as técnicas de **teçume**. Foi assim que aprendi com ele a cultura material de que tanto o povo Maraguá se orgulha. Entre várias, a arte de desenhar os grafismos tradicionais de meu povo. Ele realmente cumpriu com o seu dever. E assim como eu, toda criança Maraguá tem sua oportunidade.

O pai tem por dever ensinar ao filho os trabalhos masculinos, assim como a mãe deve ensinar à filha os trabalhos femininos, o que muitas vezes vira unissex, afinal, meninas e meninos convivem e aprendem igualmente a cozinhar, pescar, lavar roupa, fazer farinha. Não é vergonha um menino fazer trabalho que originalmente é de menina. Faz parte da aprendizagem para a sobrevivência posterior.

Quando nós, meninos, nos juntávamos e alguém tinha a ideia de comer, não tínhamos dificuldade. Enquanto um colega preparava o fogo no fogareiro, outro descamava o peixe e o limpava para em seguida colocá-lo sobre o **moqué**. Fazer a farinha, um trabalho típico feminino, também não era problema. Na falta dela, corríamos para a **garera** onde estava a massa e a peneirávamos na **urupema**. Enquanto um jogava a massa peneirada no forno, outro já esperava para mexê-la com o rodo até que torrasse. Passado algum tempo, já estava pronta e podíamos comer o peixe assado com uma farinha quentinha. Isso, sem falar na **ki'inha**, pimenta-malagueta, acompanhante inseparável de nossos banquetes.





Encontrando meu espírito

Foi meu pai o primeiro que me ensinou a andar pela floresta. Quando criança, toda vez que ia caçar por perto ou armar arapuca para pegar juruti, me levava junto. Isso para mim é inesquecível.

Numa vez, ele me acordou bem cedo e disse:

– Meu filho, você quer conhecer seu espírito?

Naquele momento não compreendi nada e pensei: “Conhecer meu espírito? Como assim?”.

Só depois iria entender. É que cada povo indígena tem sua religião tradicional. A religião do povo Maraguá é idêntica à dos Sateré-mawé, chamada Urutópiãg, isto é, Nossa Crença.

Como toda religião tradicional, a Urutópiãg tem os seus espíritos ligados à natureza. Os espíritos da natureza são seis: o

espírito do pássaro, o espírito da floresta, o espírito do cachorro, o espírito da onça, o espírito da cobra e o espírito do peixe. Eles moram num mundo invisível chamado Wihóg'pohá, mas, quando precisam se manifestar, aparecem pela floresta com a aparência peculiar que cada um tem.

Os espíritos da natureza são os que escolhem o nome tradicional de cada ser humano. Meu pai me explicou que quando nasci fui levado ao pajé. Depois de ter-lhe dito o que queria, o pajé fumou o **pariká** durante a noite toda. Enquanto dormíamos, o pajé consultou os espíritos, e dentre eles escolheram Tapirayawara, o espírito das onças, para ser meu espírito protetor. Foi ele quem deu o meu nome, que significa tribo de onças pequenas.

Meu pai me explicou também que nosso espírito protetor é nosso padrinho e ele intervém em todo momento em que estamos em perigo. Assim ele nos protege desde o momento que somos apresentados a ele. E eu precisava ser apresentado ao meu espírito. Já estava com seis anos de idade e corria perigo.

Meu pai colocou o yamaxy, contendo farinha, em suas costas, pegou o **terçado** com uma das mãos e com a outra segurou em minha mão e, assim, seguimos viagem para dentro da floresta.

Andamos durante algumas horas, já estava cansado e meu pai, preocupado comigo, procurou logo um ygarapé, pe-

gou a cuia com a farinha e mergulhou na água fria, assim foi feito nosso café da manhã, um autêntico xibé tradicional, que os regionais chamam de pirão de farinha.

Depois de bebermos, continuamos nossa caminhada, mas não foi preciso andar mais longe. Seguindo pegadas de anta, chegamos numa gruta fechada. Lá, papai me preparou para um encontro inesquecível, cujo privilégio não é para qualquer um.

– Você não terá medo, não é, filho?

– Não, papai, o que devo fazer?

– Terá apenas que se acalmar. Não se precipite. Você tem um encontro com a mãe das onças, aproveite, pois a oportunidade é rara e, dentre muitos, poucos são os que conseguem o grande encontro.

Dizendo-me preparado, mas com as pernas bambas e o coração pulsando forte, vi meu pai se afastar, de costas, e sumir por entre as folhas. Seguindo as instruções dele, fechei os olhos e me pus de frente para o oeste, onde o sol se põe.

Não demorou nem um minuto, mas para mim pareceu uma eternidade. Enquanto tentava ouvir o mais fraco ruído na floresta, subitamente ouvi rosnados fortes se aproximando de mim. Nesse instante gelei, mas não seria sábio correr, fiquei quietinho esperando o pior acontecer. “Se eu olhá-la, talvez ela fique brava e me coma e é melhor ficar assim mesmo”, pensei.

Os rosnados cessaram de repente e foram logo seguidos pela sensação de um gigantesco animal fungando em minha nuca. Dessa vez meu coração foi a mil.

Tudo isso aconteceu em questão de segundos, no máximo um minuto. Subitamente a respiração cessou. Não escutei mais nada, até o vento havia parado. Tentei sentir passos no solo, mas em vão. Nada.

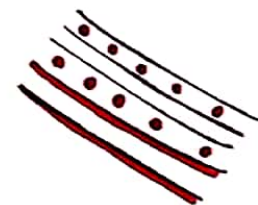
Abri os olhos, estava receoso de olhar para trás, mas lentamente me virei. O vento havia voltado, a floresta toda se agitava, os pássaros cantavam e finalmente tudo estava normal.

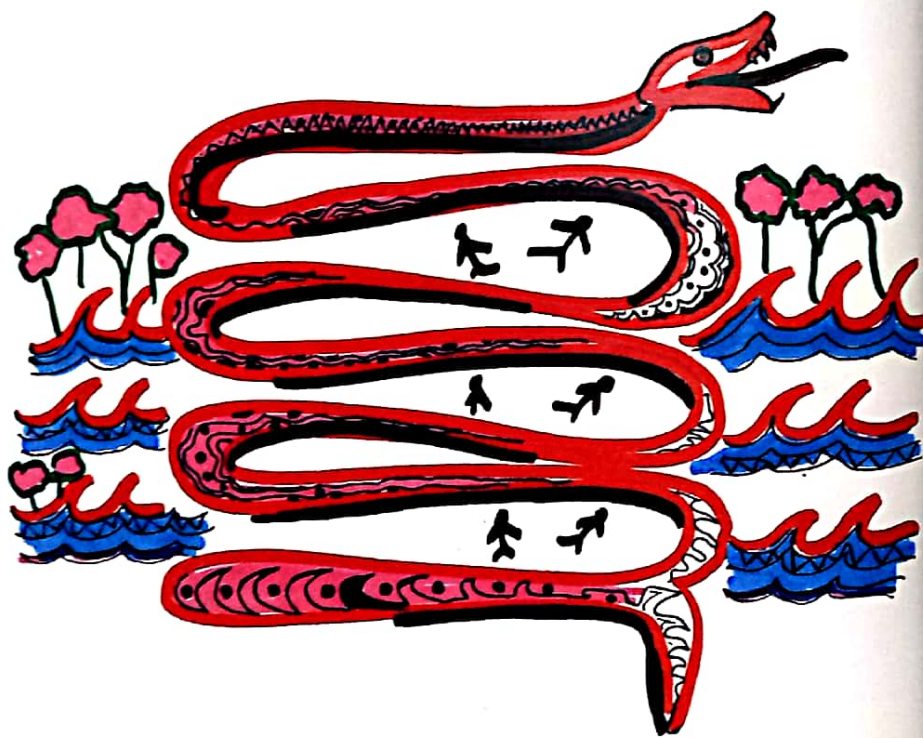
Pus-me a procurar meu pai. Ele assobiou de longe fazendo sinal de que não podia ir onde eu estava. Fui então até ele e juntos voltamos para casa. Dessa vez sem dirigir-lhe uma única pergunta. Também ele não me disse nada.

Já era meio-dia quando chegamos na aldeia. Passei a tarde toda pensando. Queria ter visto ela, queria pelo menos tê-la tocado. Parecia estar decepcionado comigo mesmo por não tê-la olhado. Mas uma dúvida veio em mim: "Como pode? Impossível! Não podia ser gente, conhecia a diferença entre a aproximação humana e a de um animal". Meu pai há algum tempo havia me dado um filhote de jaguatirica para criar. Só podia ser mesmo algo inexplicável, ou explicável?

Havia estado pessoalmente com a mãe das onças, Tapi-rayawara, o espírito de todas as onças, mistura de dois animais: patas de anta e corpo de onça. O ser mais fantástico da natureza.

Ao pôr do sol, meu pai se reuniu com os outros anciões e deu-me por integrado à religiosidade de nosso povo. A partir daquele momento meu nome teria sentido, a partir daquele momento eu era o todo orgulhoso Yaguarê Yamã, tribo de onças pequenas.





Uma cobra grande no porto de casa

As cobras têm lugar importante na cultura de meu povo. Está escrito no remo sagrado Puratiğ, dos Sateré-mawé, que o segundo mundo, este que vivemos, foi feito do corpo de Mói wató Mağkarú-sése, a primeira serpente. Assim sendo, todos moramos em cima de uma gigantesca cobra transformada em terra.

O pajé uma vez me falou da importância que as cobras têm para nós Maraguá e do forte vínculo que temos com elas. Disse-me que ele próprio era o terceiro filho de uma mulher que dera à luz duas cobras. Além dele, várias pessoas passaram pela mesma experiência: sempre nascem gêmeos de cobra e o terceiro filho é gente.

Assim foi com meu pai, por isso era protegido pelo espírito das cobras, a Çukuyu'wéra. Ela é a grande mãe das cobras, e todo aquele que nasce abençoado por ela conhece todos os segredos de suas filhas.

Aqui na Amazônia, mundo das águas, vive a maior serpente do mundo, a temida çukurijú. Ela é, sem dúvida, a maior das filhas de Çukuyu'wéra, por isso a mais nociva. Cresce tão grande, torna-se tão forte que seu tamanho máximo até hoje ninguém sabe. Quanto maior se torna mais imbatível fica.

As çukurijús têm o respeito de todos os animais da floresta. Algumas chegam a ter a anta e a onça como almoço. Isso sem falar no jacaré-açu, tão forte e temido dentro da água. No entanto, já vi um jacaré com seis metros ser batido por uma çukurijú com o dobro do seu tamanho.

Agora, que sou adulto, vi várias çukurijús grandes. Na minha infância, até os seis anos, a jiboia era a maior cobra que havia visto e, aos sete anos, vi pela primeira vez uma çukurijú.

Era de manhã, me lembro que estava no terreiro de casa e os adultos tinham saído para a roça ou ido pescar nos lagos e ygapós que margeiam o rio Urariá.

Como de costume, pus-me a rabiscar o chão bem no meio do terreiro. Foi assim que aprendi a desenhar: junto com

meu terceiro irmão Uziel passávamos horas desenhando com espinhas de peixe catadas embaixo do jirau. As espinhas e os gravetos eram nossos lápis e o chão, nosso caderno de desenho. Não sabia ainda o que era arte, mas já acreditava, ou pelo menos era gabado pelos grandes, que, junto com ele, seria um grande desenhista.

Distraído em meu desenho, nem notei que alguma coisa estava errada no mundo dos adultos, de repente, ouvi um grito desesperado de alguém na beira das águas:

– Tragam o machado! Tragam o machado!

O grito me despertou de minha distração e então vi meu tio correr para o caminho do porto onde havia um imenso ygapó, desses de impor respeito a qualquer pescador experiente. E como era tempo de cheia, a água do rio transbordava e se unia ao ygapó. As terras de várzea em frente das casas estavam todas alagadas.

Naquele momento não entendi o que acontecia, mas, sem pensar duas vezes, corri também para a beira do ygapó e assisti a uma cena chocante.

Quatro homens armados com terçados e machados lutavam bravamente contra uma gigantesca çukurijú, esse medonho réptil que havia atentado contra a vida dum rapaz que pescava naquele ygapó. A çukurijú havia lhe dado o bote, enrolando-o em seu corpo fortíssimo. Estava pronta

para estraçalhá-lo quando recebeu o golpe de outro pescador que ouvira os gritos da vítima. Em seguida, esse pescador deu o alarme com gritos tradicionais logo ouvidos pelos adultos, que correram em socorro do rapaz.

A cobra grande passou de predadora a vítima e se defendia ferozmente dos homens que a enfrentavam bravamente dentro da água com machadadas e terçadadas contra aquele couro que parecia impenetrável. Mesmo aplicados com força, os golpes de machado davam pouco resultado. Além disso, imagine a dificuldade de golpear dentro da água. O animal feria os adversários com mais facilidade. E como era imenso, conseguiu enrolar dois pescadores, e se defendia com a boca.

Nesse instante, chegaram mais dois homens, um deles meu pai. Conhecedor da sabedoria e dos segredos da selva, meu pai gritou para o que estava próximo da cauda da çukurijú:

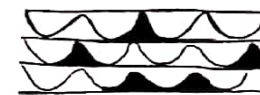
– Procure o ânus da cobra! Põe um pau nele. Pode ser que ela se distraia e perca a força.

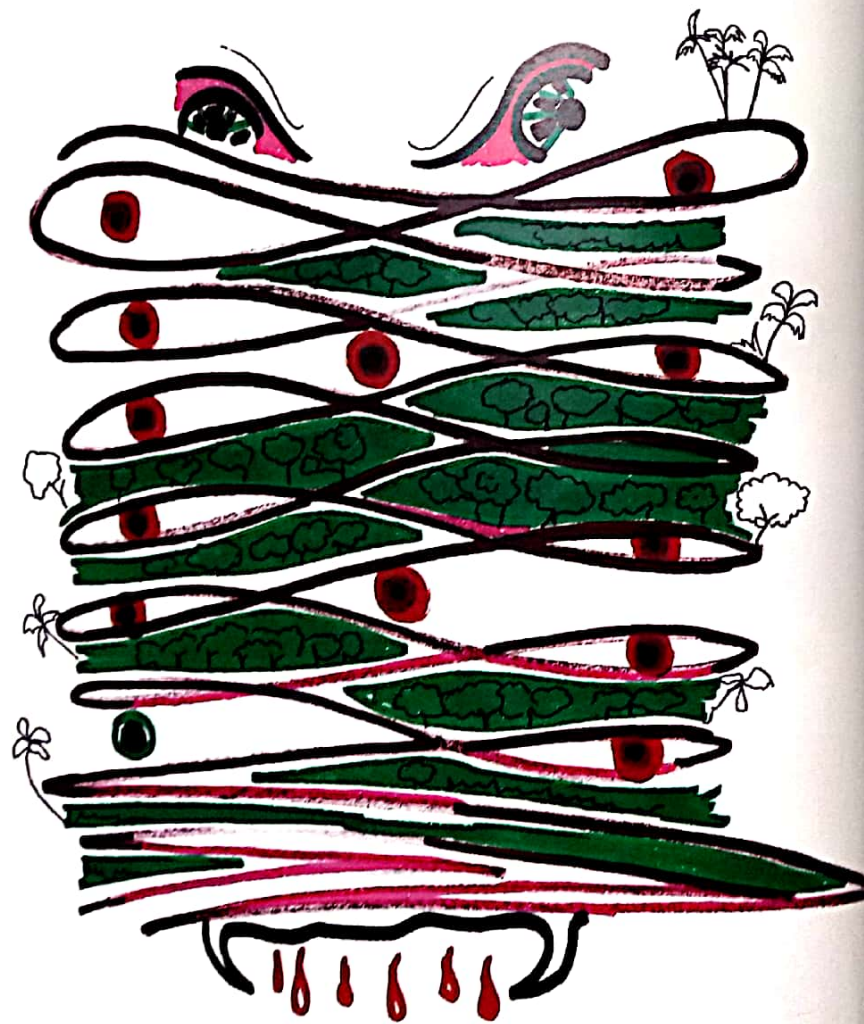
Assim fizeram. Foi quando a cobra começou a perder a batalha, após mais ou menos uma hora de luta. Finalmente foi derrotada.

Já morta, foi preciso ser retirada da água e carregada por sete homens que a levaram ao terreiro onde antes eu estava desenhando.

Posta em terra, para mostrar que a cobra era realmente grande, pediram que a medissem: oito metros de comprimento. E me pus a brincar, correndo por cima dela.

Realmente foi uma grande experiência para mim. Quanto ao rapaz que quase virou almoço de çukurijú, foi levado para a pajelança e depois de alguns dias já estava bem e pescando no mesmo ygapó.





Olhando visajes

O terreiro de casa era muito legal e o lugar onde morávamos, muito privilegiado. Do barranco, víamos o rio Urariá passar ligeiro banhando a várzea, um dos mais lindos cenários amazônicos. Foi nesse cenário que me acostumei a lidar com as entidades da floresta, as assombrações ou pessoas que as vivenciaram.

A Amazônia é muito misteriosa. Tenho agora trinta anos, sou formado em faculdade, conheço a ciência e as teorias dos brancos, deveria ter mil motivos para não acreditar no meu pai ou na nossa religião, no entanto, jamais duvidei daquilo que meus olhos viram.

É fácil desmentir quando não se conhece e duvidar do que ainda não se viu. Mas a Amazônia é diferente de tudo. Um mundo à parte, o lugar dos mistérios. E se é dos seus mistérios que estamos tratando, os sábios que moram nas aldeias costumam dizer que desde que os brancos chegaram, trazendo a cidade e a luz elétrica, muita coisa mudou nesse mundo.

As florestas, que eram as casas das entidades, foram derrubadas e causaram a fuga desses seres. Assim, quanto mais o homem moderno se aproxima e a urbanização se expande, comprimindo a floresta, mais esses seres desaparecem e seus sobreviventes, em fuga, passam a viver confinados em seus últimos refúgios. Se eles desaparecem, é porque são entidades naturais e não sobrevivem em meio urbano.

Acredito nisso e disso entendo porque já os vi. E sem falar no encontro que tive com o meu espírito protetor. Outra grande experiência foi olhar do terreiro de casa para o rio Urariá. Não aconteceu só uma vez, apareciam em todos os pores do sol. Ao cair da noite, íamos todos, crianças e adultos, olhar o espetáculo da aparição de fogos-fátuos no outro lado do rio.

Denominamos esses seres Mboi-tatá, em língua nhen-gatu, e Ariá-wató, em língua sateré. Em nossa religião, essas

entidades pertencem ao grupo das visajes, ou fantasmas, que servem somente para assustar. Tentando explicar esse fenômeno, a ciência dos brancos diz serem nada mais que combustão no meio natural. Mas vi que não é só isso.

Enquanto assistíamos às entidades brilharem, elas vagavam pela beirada, flutuando pelo ar e sobrevoando a água a meia altura, até chegar no meio do rio. Depois voltavam. Elas nunca passaram para o lado do rio onde morávamos. E, não sei por que, nenhum ser humano habitava o lado delas do rio e quase ninguém ousava ir para lá.

Das poucas pessoas que ousaram, algumas apareceram mortas. Outras, como meu primo Teodoro e seu Mateus, escaparam por pouco das entidades. Os dois chegaram ao nosso lado do rio quase sem vida, assombrados e cansados de tanto remar enquanto eram perseguidos. A sorte deles foi que, como sempre, os demônios deram meia-volta e sumiram. Ainda assim, queimaram-nos em algumas partes do corpo.

Seu Mateus narrou que os bichos tinham aparência de morcegos feitos de fogo, que os atacaram sobrevoando. Não sabendo explicar direito o que aconteceu, calou-se enquanto meu primo chorava, assustado. O certo é que estavam desesperados.

Vale lembrar que seu Mateus era um homem batizado na nova fé, por isso costumava afirmar que aquilo não existia.

Depois, já restabelecido, seu Mateus falou que só podia ser obra do diabo, mas não negou a possibilidade de ser só um bicho.

Eles não foram os únicos a viver essa experiência. Vi outros pescadores, atônitos, chegarem desesperados a nossa aldeia.

Agora, crescido e formado, posso afirmar, convicto, que na floresta há coisas que só vivenciando para explicar. Os mistérios. A Amazônia inteira é um grande paraíso, mas é inferno também, para aqueles que, por duvidar, zombam quando entram num mundo desconhecido.

Era sempre à noite que as coisas aconteciam. Quando amanhecia, parecia que nada havia ocorrido.

Lembro-me de que uma vez um rapaz da nossa aldeia saiu ao pôr do sol para ir a uma festa em outra aldeia. Interessado nas moças, demorou-se para voltar. Já era mais de meia-noite e, como não havia levado lamparina para alumiar o caminho, andava aos tropeços pelo cacoal, que ocupava uma área de dois quilômetros entre as duas aldeias.

Sob as árvores do cacoal, a luz do luar inexistia e podia haver cobras venenosas. Com medo de ser picado, o rapaz estava atento e torcia para que alguém se aproximasse com uma lamparina.

De repente, uma luz alumiou. Ao vê-la, o rapaz acreditou que fosse alguém da aldeia vindo na mesma direção e resolveu esperar.

Quando olhou novamente, a luz já estava mais perto e ele chamou:

– Olá, amigo! Quem está aí?

Ninguém respondeu.

O rapaz pôs-se a andar devagar e, encucado com aquilo, tornou a perguntar:

– Olá, amigo! Você está indo para a aldeia?

Ninguém respondeu.

Desconfiado, o rapaz acelerou o passo, e a luz ficou mais intensa. E, como se estivesse pingando fogo, aproximava-se dele cada vez mais rápido. O rapaz não esperou para ver. Começou a correr e no escuro tropeçou e levantou seguidamente, enquanto a luz misteriosa o seguia tentando alcançá-lo.

Já estava cansado de tanto correr quando finalmente deixou a escuridão do cacoal e avistou a aldeia logo à frente. Passou como relâmpago no meio dos cachorros que latiam, jogou-se de encontro à abertura da casa mais próxima e, arrebatando o japá, caiu lá dentro. O dono da casa acordou com o barulho, e o rapaz logo contou o que estava acontecendo. O homem pegou sua izagaia e juntos saíram. Ainda viram

aquele luz estranha afastar-se e entrar novamente no cacoad, impedida de continuar aldeia adentro porque os cachorros a atacaram.

Finalmente o rapaz estava a salvo. O fato correu por toda a aldeia e ninguém mais teve coragem de andar por aquele cacoad durante a noite.

Outra vez apareceu um **kurupyra** na casa de meu tio. Morávamos próximo dele e ouvimos os gritos de cachorros apanhando com cacete no terreiro. Depois de muita gritaria, finalmente amanheceu e fomos ver o que tinha acontecido. Encontramos cinco cachorros mortos embaixo do assoalho da casa, e o único que sobreviveu estava coxo. Todos ficaram receosos.

Na outra noite, enquanto dormíamos, eclodiu novo barulho, dessa vez na casa ao lado. Os jovens e os adultos reagiram flechando na direção do barulho, mas nada aconteceu. Parecia que a entidade estava invisível.

Pela manhã, foram chamar o pajé e ele receitou:

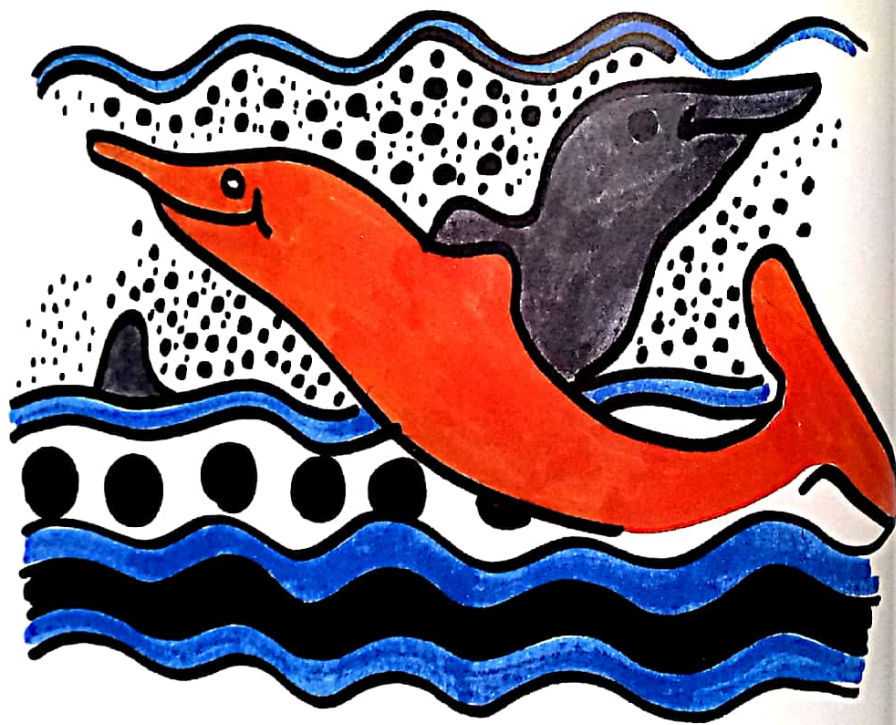
- Façam um guisado de galinha ou cozido de peixe e o coloquem numa cuia. Depois levem a cuia para o meio da roça e a deixem lá.

Meu tio e seu vizinho fizeram como o pajé havia dito e, à noite, dormimos tranquilos e sem nenhum barulho.

Era o kurupyra que estava zangado com eles por algum motivo.

O gesto de levar a oferenda para o meio da roça é sinal de amizade. O kurupyra, ao ver a oferenda, pressente o pedido de desculpas e não mais ataca a casa nem vem lhe trazer maldição.





História de boto

Numa vez fomos visitar nosso tio que morava a uns dez quilômetros, cerca de quatro horas de viagem pelo Urariá. Íamos remando quando demos com um grande e temido remanso, desses de alagar qualquer embarcação que por ali passasse.

Apesar de a canoa ser grande, do tipo que chamamos ygarité, ficamos com medo. Meu pai, que pilotava o yakumã na popa, rumou bem para a beira e, devagarinho, conseguiu passar pelo redemoinho.

Dava bem para ver o círculo feito pelo grande redemoinho que se estendia da beira até o meio do rio. Era nessa beira do rio que ficava a casa de dona Doka, senhora alegre e cheia de histórias. Misteriosa como era, plantara em seu

quintal vários pés de tajá-onça, planta igualmente misteriosa. Segundo nossa religião, se essa planta for benzida por um pajé e alimentada com restos de comida, na ausência do dono, transforma-se em onça e protege a casa. Dona Doka era crente convicta no tamba-tajá, nome religioso dessa transformação, e tinha certeza de que podia sair sem preocupação.

Enquanto olhávamos a casa dela em frente ao grande redemoinho, repleto de botos, mamãe nos contou uma história que dona Doka havia lhe contado.

Seu Puxi, marido de dona Doka, saiu para pescar no portão de sua casa, próximo ao tão temido redemoinho. Conhecia muito bem o lugar e estava acostumado com o perigo, não seria desta vez que teria medo.

Mesmo com tantos botos, começou a remar próximo da borda do redemoinho e espiou para ver se não boiava algum pirarukú. Parecia que nada mais havia a não ser botos, quase uma centena deles boiando naquelas águas revoltas. Seu Puxi continuou a esperar peixe.

As horas passaram, veio a tarde e seu Puxi já estava cansado, quando lhe ocorreu uma ideia: "Por que não flechar os botos? Por que não comê-los?".

Aborrecido por não ter pegado nada, já ia voltando quando viu um boto, que se afastara do cardume, e não teve dúvida. Pegou seu arpão e o arpoou nas costas.

Os outros botos fugiram. O boto arpoado debatia-se ao lado da canoa de seu Puxi, enquanto ele remava para a beira, onde dona Doka o esperava.

– Mulher, vamos comer isso aqui! – disse o pescador.
– Nunca comemos boto, mas há sempre a primeira vez.

Dona Doka se recusou a prepará-lo, e o marido teve que apanhar frutas para comerem. Assim, seu Puxi esqueceu o boto arpoado, que ainda agonizava, vivo, próximo à canoa na beira do rio.

Passou o dia. Ao anoitecer, sem que o casal percebesse, vários botos vieram chorar próximo ao cadáver, lamentando a sua morte. E quando deu meia-noite, um dos botos saiu do rio e transformou-se em pessoa. Subiu em direção à casa de seu Puxi, olhou pela janela, viu que ele dormia e chamou-o:

– Ô de casa! Acorda que está na hora de ir!

Só o marido acordou. Enquanto dona Doka dormia, levantou-se, pegou a lamparina e saiu para ver o que o desconhecido queria.

Assim que abriu a porta, o estranho falou:

– Eu vim levar você!

– Para onde?

– Para a cidade submersa dos Companheiros-do-fundo! Você será castigado. Aquela fêmea de boto que você arpoou era minha esposa e terá que pagar pela vida dela!

Seu Puxi tomou um susto, mas não reagiu. Desceu com o homem para a beira e, quando viu que o boto morto em seu porto havia se transformado em uma bela moça, pediu desculpas ao estranho.

– Desculpas não adiantam mais – respondeu o homem.

– Agora você vem comigo!

O homem pegou seu Puxi pelo braço e levou-o para o fundo do rio.

De manhã, dona Doka acordou. Deu por falta do marido e começou a chamá-lo, mas não houve resposta.

Foi ver na beira, mas ele não estava lá nem mais estava a fêmea de boto morta. Passaram-se dias sem que soubesse do marido e ela ficava horas chorando no porto de sua casa.

Até que um dia, quando lavava roupa na ponte, um boto boiou próximo a ela. Quando olhou novamente, viu um homem sair da água e espantou-se.

– Não tenha medo – disse o homem. – Vim trazer lembranças de seu marido.

– Onde ele está?

– Na cidade do mundo submerso. Nunca mais poderá vê-lo, a não ser que vá visitá-lo.

Ela então pediu que o boto a levasse para junto do marido.

Com pena, o boto atendeu o seu pedido, mas recomendou:

– Eu a levarei, mas não poderá comer nada do que lhe oferecerem. Se comer, nunca mais poderá voltar para o mundo da superfície e ficará aprisionada.

Dona Doka concordou, e depois de algum tempo chegaram na cidade.

Era um lugar lindo, nunca antes imaginado por ela, situado nas entranhas do fundo do rio e repleto de ouro.

Os botos, lá, tinham aparência de gente e andavam pelas ruas da cidade. Mas sempre que saíam, ao transpor o encantamento que cercava a cidade, transformavam-se novamente em botos.

Ao meio-dia, o grande líder dos Companheiros-do-fundo pediu que chamassem dona Doka para saber do caso dela.

O líder perguntou por que estava lá. Depois que ela respondeu, mandou chamar o marido acorrentado.

O grande líder ouviu a mulher suplicar-lhe, agoniada, que o deixasse voltar com ela para casa. Mandou então chamar o boto cuja esposa o homem havia arpoado.

O boto veio. Fizeram um tribunal para decidir o destino do marido de dona Doka. Mas, no julgamento, o boto não aceitou que o homem fosse libertado. Dona Doka continuou a chorar e o boto bradou:

– O seu marido matou a minha esposa. Para ser libertado e voltar à superfície, precisará aprender que o que vocês chamam de animais, nós chamamos de seres de sentimentos. Eu o

deixarei livre, mas nunca mais poderá pescar, deverá viver escondido e nunca mais aparecer diante de meus olhos porque, se um dia o vir de novo em um rio ou próximo de algum poço de água, eu o matarei!

Os cozinheiros quiseram dar frutas a dona Doka, que se lembrou da recomendação do boto amigo e não aceitou: sabia que se ela ou o marido as comessem, nunca mais sairiam de lá.

Quando seu Puxi viu-se com as mãos livres, quis comer algumas frutas, mas a mulher o impediu. Assim mesmo, ele pegou uma delas e a colocou no bolso para comer mais tarde.

O líder ordenou ao boto que havia trazido dona Doka que os levasse de volta para casa.

Ao chegarem à tona, seu Puxi foi comer a deliciosa fruta que havia guardado no bolso, mas a fruta, ao transportar o encantamento da cidade submersa, transformara-se em areia.

Em terra firme, subiram a salvo para casa. E nunca mais seu Puxi pôde se aproximar de um rio.

– Nossa! Então foi assim que aconteceu? – perguntei quando mamãe terminou a história.

– Foi assim que dona Doka me contou – disse ela. – Desde menina ouvia falar nessa cidade submersa dos botos, porém só os pajés podem ir visitá-la sem risco de ficar presos lá para

sempre, pois eles só a visitam através dos sonhos. E somente através dos sonhos aprendem a fazer aliança com os habitantes do mundo submerso, trocando segredos e sabedoria com os Companheiros-do-fundo.

– Que história visajenta! – disse Kenesiu, meu irmão que remava na proa. – E ainda temos coragem de passar por lá!

Estávamos todos espantados com a história. Demos as últimas olhadas para trás onde o grande remanso parecia mexer com cada um de nós.





Branco, barcos e cidades

Visitas dos brancos a nossa aldeia até certo tempo foram muito poucas. Ainda era pequeno quando os vi pela primeira vez.

Eram evangelizadores da igreja adventista que chegaram num barco bastante bonito que nos deixou curiosos e maravilhados.

Como meu pai e minha mãe já os conheciam, nós, crianças, que ainda não tínhamos ido à cidade, ficamos sossegados, não só pela confiança que nossos pais nos davam, mas pelas bolachas e bombons que a mulher do pastor nos dava. Os pastores tinham muito carisma na comunidade. Esse momento foi o portal de entrada para minha relação com a sociedade dominante e o início da era de novos conhecimentos.

Durante a visita dos pastores, todas as crianças procuravam estar perto deles. À noite, embaixo das árvores, passavam *slides* para uma plateia cheia de gente. Foi assim que aprendi português. Algum tempo depois teríamos uma escola funcionando na casa de minha tia, mas não foi nada fácil

dominar a língua e saber ler, o que aprenderia só aos doze anos, já em Parintins.

Pelo que lembro, aqueles pastores nos visitaram mais três vezes enquanto moramos lá. No entanto, não era todos os dias que víamos barcos ou visita de gente de fora.

Nesse tempo, era rara a presença de barcos na região, principalmente lanchas, e quando um aparecia todos corriam à beira para olhá-lo passar. Era um evento muito importante, e quando sabiam que algum barco iria passar deixavam de fazer suas atividades e ninguém ousava ir à roça.

E, de tudo o que aconteceu nesse tempo, uma das coisas mais engraçadas que houve na aldeia, e os adultos assim a consideraram, aconteceu comigo e com meu primo Guaynã. Os pastores adventistas já tinham ido embora havia alguns dias e, durante sua passagem, ficamos sabendo muita coisa a respeito de sua religião e tínhamos mais medo dos seus espíritos do que dos nossos, com que estávamos acostumados.

Eu e meu primo estávamos no porto de casa e nunca tínhamos visto uma lancha antes, dessas de alumínio que, ao refletir o sol, parecem um espelho flutuante. Quando a enxergamos, ficamos pasmos, nossos corações aceleraram rapidamente.

– O que está acontecendo? – perguntou Guaynã.

Nada pude responder naquele momento, estava paralisado.

– O que é isso? Quem está vindo em nossa direção? – insistiu.

Então gaguejei:

– Só pode ser o deus malvado dos brancos, que veio atrás de nós porque soube que vieram fuxicar dele para nós.

– Deve ser isso! – completou Guaynã. – Soube que ouvimos as coisas ruins que ele tem feito e por isso quer impedir que sua má fama se espalhe.

– Deus me livre! – disse.

A lancha aproximou-se rapidamente e, sentindo que precisávamos estar a salvo, corremos desesperados barranco acima. Antes que ela passasse, já estávamos correndo como loucos pelos terreiros, gritando que o demônio chamado diabo, como falavam os convertidos na nova fé, estava vindo para nos matar.

Alguns ficaram atônitos. Mas parece que não nos entenderam direito. E como não restasse nada a fazer depois de darmos o alarme, corremos para o galinheiro atrás de casa e lá nos escondemos. A gargalhada foi geral, todos riam de nosso desespero.

Foi preciso que o **tuxawa** nos tirasse de lá para nos certificarmos de que o perigo realmente havia passado. A lancha que acreditávamos estar à nossa procura havia passado direto. Ninguém sabia quem eram aquelas pessoas, só podia ser gente da cidade, mas confesso que eu demorei a voltar sozinho para a beira do rio.

O que aconteceu só após muita insistência de meu pai, ele sim, conhecia bem os brancos. Minha mãe nos contou que, quando ele era menino, foi dado a um branco que o levou para Manaus, onde teve que trabalhar cedo. Trabalhou em serrarias, comércio e cooperativas de juta. Quando se tornou rapaz, o

homem que o amparou resolveu tornar-se seu padrinho e deu-lhe um nome de branco, mas, como não possuía nenhum documento, o sobrenome do padrinho foi lhe dado por empréstimo.

Depois de muito tempo vivido na cidade, meu pai decidiu voltar para nossa terra e se tornou muito querido. Havia ganhado respeito até dos que não o conheciam pessoalmente. Era um grande líder, um dos poucos que conhecia bem uma cidade.

Nova Olinda do Norte era a cidade mais próxima de onde morávamos. Foi por intermédio de meu pai que começamos a visitá-la.

Nosso povo começou a frequentá-la fazia três anos, e todos os meses os adultos colhiam seus produtos e em caravanas singravam as águas da região rumo a Nova Olinda. Até então eu nunca havia estado em uma cidade.

Os meus irmãos já haviam estado por lá, até que finalmente chegou minha vez. Confesso que estava ansioso por esse momento.

No dia da viagem, acordamos cedo, como de costume – só que dessa vez foi mais cedo. Ainda me lembro da lua tranquila lá no horizonte se despedindo da noite, logo raiaria o sol – mas antes que ele raiasse, descemos todos para a beira.

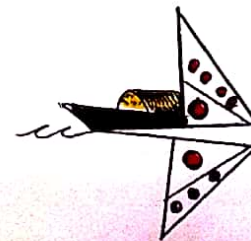
Lá estavam nos esperando três ygarités, tipo de canoa bem grande, embarcações próprias para grandes viagens. Não demorou muito e zarpamos rumo ao ygapó, onde teria início nossa jornada, pois, diferentemente dos brancos, nosso povo costumava viajar por dentro, isto é, nunca viajavamos por fora, pelo rio aberto, e sim por lagos e ygapós, para, dessa maneira,

cortar caminho e chegar mais rápido aonde queríamos. Na época em que viajei era tempo de cheia; os lagos desembocavam nos ygapós e ygarapés da região, e por isso pudemos chegar no mesmo dia.

Mesmo assim a viagem foi longa, pois nossas canoas eram desprovidas de motor de popa. Tivemos que remar continuamente, ou melhor, só os adultos, pois eu ainda era considerado criança e não precisava remar. Ainda bem, pois fiquei protegido embaixo do grande japá que cobria a ygarité, junto com as mulheres e meia dúzia de meninos e meninas.

Viajamos o dia todo. Sempre procurava ver que horas eram, mas não dava, pois as copas das árvores, na mata alagada, impediam que o sol aparecesse. Limitava-me a ouvir os ruídos dos remos singrando a água escura do ygapó e a observar os camaleões que pulavam dos galhos em mergulho, fugindo da gente.

Até que enfim atravessamos o último lago, que ia dar atrás da cidade. De longe dava para ver o clarão. Depois de onze horas de viagem, chegamos a Nova Olinda do Norte. Já eram mais de seis horas, o sol havia se posto, e me vi rodeado de luzes e gente. Estava finalmente conhecendo o mundo dos brancos. Foi o começo de um relacionamento promissor.





Ritual da tukãdera

Guyraray (Filho de pássaro) era o nome do pajé de nossa aldeia. Como o próprio nome sugere, era afilhado do espírito das aves, o sábio Kasawá-waçú. O pajé tinha como xerimbabo um belo Apinayé, gavião real, que o seguia a todo instante.

Ele era o responsável pelos eventos e pelas festas da comunidade, uma delas, a mais importante de todas, era o teste da dança da tukãdera, ou waperiã, rito de iniciação que marca a passagem da idade infantil para a adulta. Quando completei dez anos, meu pai me levou até a casa do pajé a fim de marcar o meu teste.

Seguindo nossa tradição, eu já estava na idade de passar para a idade adulta. Minha turminha de amigos, aquela com a qual saía para fazer nossas aventuras de aprendizagem, também já estava pronta e alguns deles já haviam passado pelo ritual naquele ano. Muitas coisas mudaram desde que começamos a

fazer nossas aventuras mirins. Já estávamos até pensando em meninas, coisa que antes era impensável. Procurávamos agora agradá-las, cortejá-las.

Havia até uma menina na aldeia por quem meu coração batia forte, seu nome era Guataçara-morãga (Beleza andante) e nesse tempo eu sonhava casar-me com ela. Guataçara foi a minha primeira paixão e o motivo maior para passar pelo ritual.

Lembro-me de uma vez, quando vínhamos de uma visita ao cemitério, na beira do rio Abacaxis, onde estava sepultada minha avó, a mãe de minha mãe. Dirigindo a canoa, meu pai teve a ideia de parar no primeiro porto da aldeia. Era lá a casa dos pais de Guataçara.

Subindo em terra, meus pais se puseram a conversar com os pais da menina enquanto ela brincava de amarelinha com suas amigas. E eu olhava meu irmão subir numa alta árvore de ingá. Ao alcançar a **guia**, ouvi as meninas o gabarem pela sua coragem de estar em cima da árvore:

– Olha ali, aquele menino é tão corajoso! Nem tem medo.

Ao ouvir os aplausos, tive medo de perdê-la e me manifestei rapidamente. Num piscar de olhos, subi em direção à **guia**, onde meu irmão estava. Queria também ganhar aplausos e gabações das meninas. Se ele ganhou, por que eu não ganharia?

Quando já estava próximo, pisei num galho seco e, sem ação, me vi caindo por entre as folhas, até bater no chão, em cima das grossas raízes da árvore. Vi pessoas correndo para o local e tentei chorar, mas não pude, o baque havia sido forte em minhas costelas prendendo a respiração e o choro.

Já quase desmaiando e enquanto meu pai me acudia, ainda ouvi aquelas meninas tentando me elogiar:

– Esse menino é tão valente, caiu da árvore e nem chora.

Foi só o que ouvi. Quando acordei, já estava na canoa, deitado no colo de minha mãe e com muitas dores por todo o corpo. Essa realmente foi uma lição para mim. Desde então, não mais quis invejar meu irmão, que passara pelo teste da tukãdera antes de mim. Agora havia chegado a minha vez, e mais do que nunca precisava mostrar a todos que também era corajoso e forte. Porém dessa vez não seria por inveja, e sim porque era meu dever e todos esperavam por isso.

Antes de conversar com o pajé, meu pai procurava encorajar-me. Eu estava realmente apreensivo, apesar de saber o porquê da importância do ritual para mim e para nossa comunidade. De qualquer modo, queria mostrar a todos, principalmente à mocinha por quem estava apaixonado, quanto era forte.

Meu pai e o pajé finalmente marcaram o ritual para o outro dia, pois era época de ninhadas de tukãdera e seria bom aproveitá-la.

Então o pajé dirigiu-se para a mata, levando um pouco de sumo de caju, e meu pai, seguindo-o, levava uma luva trançada com fibras de warumã. O pajé mexeu no ninho de formigas e, conforme saíam do buraco, ele jogava o sumo de caju em cima delas para adormecê-las. Momento certo para papai colocar umas oito tukãderas dentro da luva.

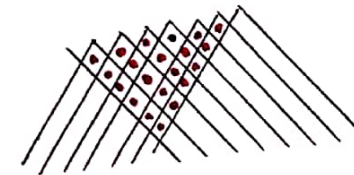
No outro dia, o pajé deu início ao ritual. Começou a cantar no meio do terreiro da aldeia e eu, vestindo a Sa'ary pe, a luva de tukãdera, pus-me a dançar junto a várias pessoas que também participavam da dança. Enquanto dançávamos, minhas mãos eram ferradas por raivosas tukãderas, as venenosíssimas formigas gigantes da Amazônia, cuja ferroadada é dez vezes mais dolorida que a picada de uma vespa. Aí é que a coragem é testada realmente, mas a vontade de mostrar a virilidade é maior. Todo menino parece sonhar com esse dia, é o momento de provar a todos que ele já é capaz de fazer coisas de adultos.

Fazendo esse teste, uma das tradições mais antigas e o ritual mais importante das culturas Maraguá e Sateré-mawé, o rapaz estará se curando contra as doenças, contra a indolência e principalmente contra o medo. Também estará se preparando para ser bom pescador, bom caçador e um marido exemplar. Quem não gostaria de ter todas essas qualidades?

Usei toda a minha coragem para alcançar meu objetivo. Passar no teste, enfrentando tukãderas ferozes, seria a maior

das vitórias. Nem mais senti a mão por causa das muitas ferroadadas, continuei a dançar com os outros e só ouvia a música sagrada que o pajé cantava no meio da roda. Eu sabia que meu pai estava lá, segurando meu braço com cuidado, mas nesse momento não o vi nem vi mais nada ao meu redor. Desde então só me recordo do momento em que mamãe passou um remédio feito de ervas medicinais no meu braço.

No final do ritual, já melhor e com as dores amenizadas, felizes, disseram-me que eu havia me saído muito bem. Agora não era mais somente Yaguarê Yamã, tribo de onças pequenas, apenas um menino entre muitos, eu tinha me tornado Yaguarê Yamã, um respeitado adulto de minha nação. Havia vencido as tukãderas e passado pelo difícilíssimo ritual de iniciação.





Quando perdi meu irmãozinho

Mas nem tudo foi alegria em minha infância, assim como não é para ninguém. Aos onze anos perdi meu irmão caçula, que faleceu quando tinha cinco anos. E na minha meninice não foi o único que perdi. Um ano antes de o caçula falecer, minha mãe deu à luz um menino, que, depois de alguns minutos de vida, também faleceu. Nem sequer chegou a ter um nome. Na cultura indígena é assim, diferente da cultura da cidade, que bem antes de o bebê nascer os pais já lhe escolhem o nome. Em nossa cultura o pai espera primeiro o bebê nascer para olhá-lo e, dependendo da tradição a que pertence, pôr-lhe um nome. Além disso, nem todas as vezes são os pais que escolhem o nome, o pajé e os espíritos protetores também podem dar o nome, segundo a tradição de cada religião.

Não tenho ideia do por que esse meu irmãozinho faleceu logo em seguida ao nascimento, mas sei e presenciei o momento final da vida de meu irmão caçula aqui na terra.

Lembro-me de que ele gostava de flores e, diferente de outras crianças, nunca apanhava uma flor para esmigalhá-la e jogá-la fora. Era realmente um amigo das flores. Toda vez que alguém apanhava e lhe dava uma flor, ele a pegava e cuidava dela. E quando a deixava, era em cima de arbustos ou guardada num canto da casa.

A morte desse meu irmão foi rápida. Na mesma noite em que adquiriu a doença, ele faleceu. Eram umas sete horas da noite e estava tudo escuro. Só havia lamparina na cozinha, onde minha mãe tratava o peixe para o jantar. Meu irmãozinho, que estava um pouco febril, dormia no quarto da frente. E eu estava à mesa no outro compartimento.

Subitamente um vidro de remédio caiu de cima da janela que dava acesso ao quarto onde estava Jânio, seu nome em português. Ao espatifar-se, o vidro fez muito barulho. Mamãe, preocupada, pediu que meu irmão Kenesiu fosse ver o que havia acontecido. Quando Kenesiu se aproximou da rede onde ele estava, viu Jânio em pé sobre ela. Com o susto que teve, meu irmãozinho pulou da rede e nesse instante começou a tremer e a espumar pela boca.

Mamãe logo correu para abraçá-lo, mas era tarde demais. Desde o susto, meu irmãozinho só veio a ter paz quando faleceu.

Chegou gente de toda a vizinhança. As mulheres, preocupadas, faziam remédios de todos os tipos e de todos os vegetais

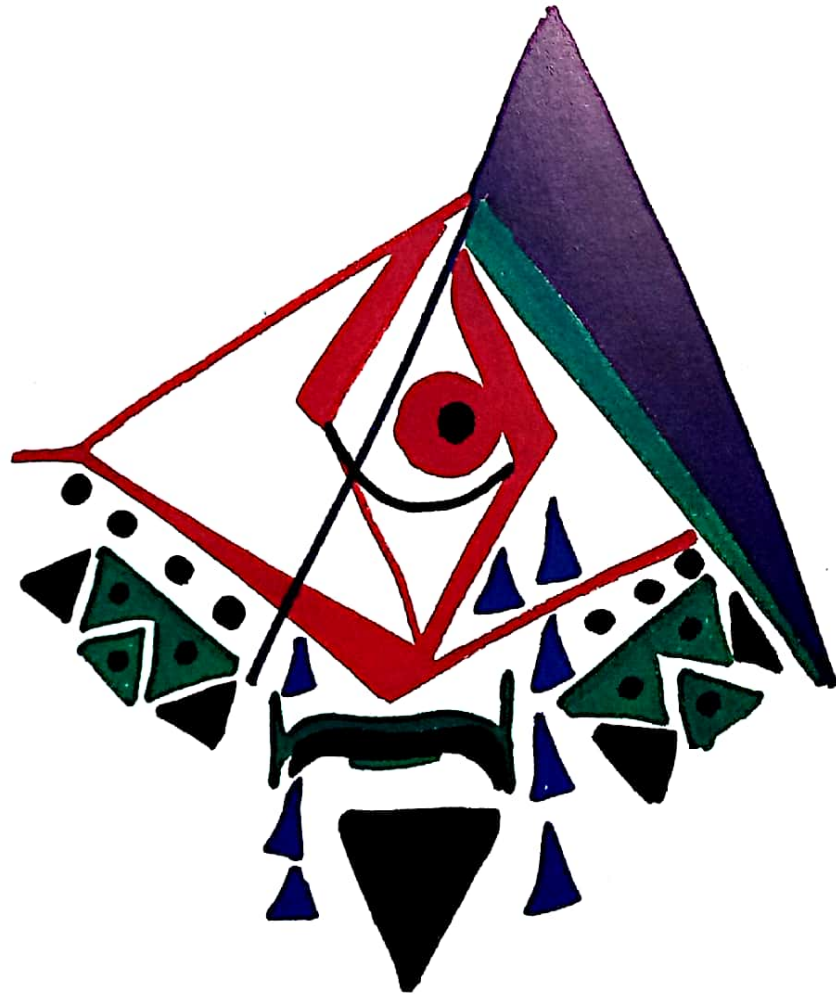
conhecidos, mas nada adiantou. Parentes vinham e iam a toda hora procurando ajudar. Até um grupo foi organizado para ir à vila mais próxima buscar injeção, remédio karaywa, na esperança de curá-lo. Havia duas horas que tinham partido e, antes que voltassem, minha mãe, ao meu lado, tentou achar o pulso do menino e, como não o encontrou, falou:

– Poxa vida, está terminando o tempo de meu filhinho neste mundo.

E como estivesse se despedindo, meu irmãozinho olhou para ela com um olhar triste. O vômito e a febre já haviam parado e ele sorriu pela última vez. Lentamente foi fechando os olhos.

Meu pai estava em viagem nesse tempo. Chegaria só depois de uma semana. Quando os homens voltaram da vila também já era tarde. Essa foi a pior experiência de minha infância.





Adeus ao meu mundo encantado

Passado um mês da perda de meu irmãozinho, meu pai, desgostoso, falou que mudaríamos do paraná do Urariá. Foi uma notícia um tanto desesperadora para mim, que só conhecia aquela região e que a tinha como um país. E as cidades de Nova Olin-da do Norte e Manaus, onde moravam os brancos, eu as tinha como os outros dois países. Fora isso, não conseguia imaginar mais nada. Não tinha ideia do que haveria além. Para mim, ha-via apenas três lugares como se fossem trs países e findava por aí mesmo – depois de algumas remadas de canoa, logo aparecia um grande abismo.

Arrumamos nossos pertences, cada um dos irmãos re-colheu o que mais gostava. E, assim, viajamos para Parintins. Nosso pai tinha parentes que moravam l e íamos morar na cidade.

Durante alguns dias antes da partida, muita gente da aldeia foi se despedir. Os adultos se despediam de papai, as mulheres se despediam de mamãe e nossos amiguinhos, um por um, vinham conversar conosco. Até aquela menina, que devia ter a minha idade e que os adultos insistiam em dizer que era minha namorada, veio se despedir. Nossa! Quanta gente nós íamos deixar para trás, mas acredito hoje que foi o destino.

Estava indo morar e passar grande parte de minha juventude numa cidade, num mundo civilizado como dizem os brancos, onde a televisão impede a cultura tradicional de raciocinar. Realmente, como poderia imaginar morar num outro mundo se nunca havia morado nele?

Estava me despedindo daquele mundo especial de visões, histórias e aventuras que jamais iria ver novamente em minha infância. A saudade iria brotar a cada instante que olhasse um rio passar em frente de uma floresta.

Saudade na minha língua se chama Çunarýa, a vontade de voltar a ver e a ter o que um dia já possuímos. Penso nas vezes que ria feliz em achar que nunca iria crescer. Mas cresci.

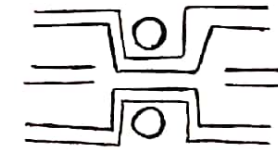
Por isso mesmo repasso agora o que meu pai costumava dizer: devemos aproveitar todo momento de nossa vida, pois a vida é breve e o tempo que perdemos nunca volta. Se a vida segue, o tempo fica, e passa o momento em que poderíamos estar com alguém, conversar, aprender alguma coisa, fazer até

o pouco que nos interessa. Quantas vezes você se arrependeu de não ter ido a algum lugar ou feito alguma coisa? É preciso parar de lamentar-se, e a partir daí aproveitar toda hora, todo momento, todo segundo, se possível for.

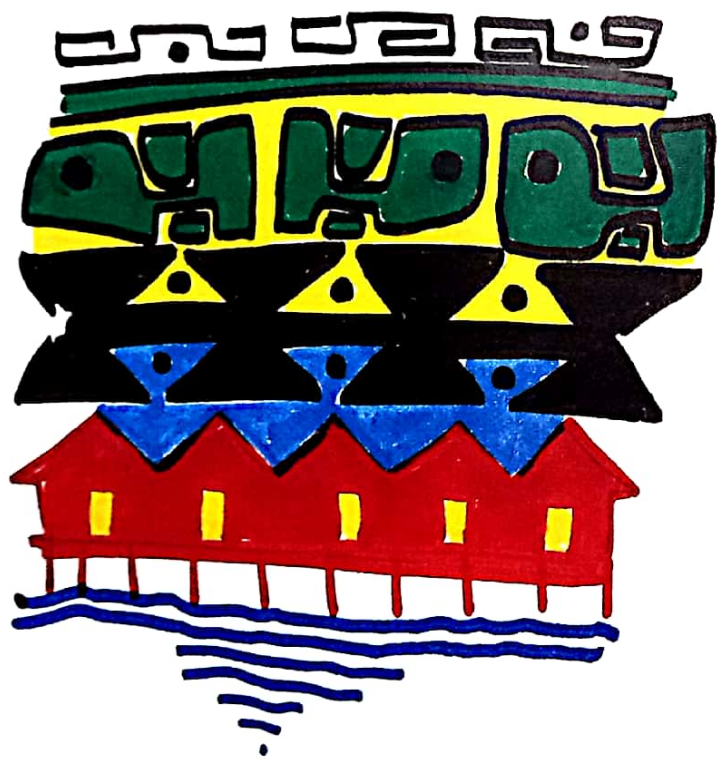
Meu pai me dizia que assim como o dia é nossa vida. Nós nascemos, vivemos e morremos e o que fizemos jamais se perderá. E que não devemos viver como alguém que acorda, pega uma cadeira para sentar na calçada de casa e passa o tempo apenas olhando as pessoas transitarem, trabalharem, e a vida correndo enquanto nada faz. Alguém que deixa passar a manhã, passar a tarde e quando chega o pôr do sol se levanta, pega a cadeira e entra para dormir de novo. A manhã seria a mocidade, a tarde o tempo de adulto e o pôr do sol seria a velhice, para finalmente dormir na eternidade.

Assim é a vida sossegada e acomodada daqueles que morrem sem aproveitar o curto espaço que temos para viver e o que deus nos concede.

Assim dizia meu pai, assim continuam dizendo os sábios Maraguá.



Stylized green text at the top of the page, likely representing the Maraguá name in their native script.



Um pouco sobre o meu povo

Em tempos remotos, os Maraguá habitavam a região dos rios Mampurú e Abacaxis. Ao serem expulsos de seu território tradicional, miscigenaram-se aos Sateré-mawé ou incorporaram-se a eles e à população ribeirinha.

Atualmente, os Maraguá habitam a floresta equatorial, no município amazonense de Nova Olinda do Norte, e são um dos poucos povos de origem Aruak na região do baixo Amazonas.

Houve um movimento de repovoamento do território tradicional na área indígena Maraguapajy, o país dos Maraguá, no rio Abacaxis, para onde várias aldeias se mudaram. Entre elas a aldeia Novo Horizonte Yăbetué'y, mencionada neste livro. Tukumã, Paxiuba, Pilão (Tupanawa), Kăwera e Mereré são as outras aldeias da atual área, onde vive metade dos 500 indígenas Maraguá.

O povo Maraguá está organizado em seis clãs tradicionais: Tawatô, Çukuyê, Aripunã, Piraké, Yaguaretê e Piraguá.

As aldeias se organizam ao longo das margens dos rios e são interligadas por um único caminho, o Irapé.

No centro de cada aldeia são erguidos um poste, o mōdagará, totem Maraguá, e a casa do conselho mirixawaruka.

Cada aldeia é liderada por um tuxawa e um mirixawa. Há um governante geral chamado tuxawa geral.

Em 2005, seus líderes iniciaram o processo de organização do povo Maraguá junto à Funai.

Em busca da homologação de sua terra tradicional, os Maraguá são representados por uma organização interna, a Aspim, Associação Geral do Povo Indígena Maraguá, sediada no município de Nova Olinda do Norte, estado do Amazonas.

O povo Maraguá é herdeiro da rica cultura tapajônica. Sua cultura tem forte influência tupi devido à miscigenação

com os ramos Sateré e Parintintim. O idioma é o nhengatu, no dialeto Maraguá.

As principais manifestações culturais são a luta corporal Piăguá, o ritual de iniciação Wakaripé, de origem Maraguá, e o ritual de iniciação Waiperiá, de origem Sateré, todos masculinos. Há o esporte grupal Anipiã e a arte de fazer colares tradicionais do meu povo.

Yaguarê Yamă



Glossário do idioma nhengatu e de termos regionais amazônicos

Arara-pirãga: arara-vermelha.

Çakarijá: sucuri; sucuriju.

Garera: utensilio usado para fazer a farinha.

Gaia: último galho da árvore.

Ikatu'reté: olá, tudo bem; tudo bem; tudo bom.

Izagaia: tipo de arpão tridente.

Japá: esteira feita de folhas de palmeira para servir de porta ou cobertura.

Jirau: estrado de varas sobre forquilhas fincadas no chão usado para guardar utensílios.

Karamĩ: menino; curumim.

Karamĩ guaré: tempo de menino; infância.

Karapya: ser da floresta que não é mau nem bom segundo as religiões tradicionais Maraguá e Sateré-mawé.

Malhadera: rede de pesca.

Maniwa: pé de mandioca; maniva.

Monãg: deus do bem.

Moquém: grelha de varas para assar o peixe ou secar a carne.

Pajelança: rituais que o pajé realiza em certas ocasiões com uma finalidade específica, como curar.

Paraná: braço de rio caudaloso; canal que liga dois rios.

Pariká: espécie de tabaco.

Piraruká: pirarucu.

Remanso: águas correntes com muitos redemoinhos.

Sororoka: planta nativa da Amazônia.

Teçame: tecelagem; tecedura.

Terçado: facão grande.

Takãdera: espécie de formiga da Amazônia cuja picada é dolorosa; tocandira.

Taxawa: governante Maraguá.

Urupema: peneira de palha.

Visaje: visagem; fantasma; assombração.

Warumã: arumã, planta com que são feitos cestos, paneiros.

Xerimbabo: animal de estimação.

Yakumã: leme; timão.

Yamaxy: cesto de talas de palmeira trançadas; paneiro; cesto de carga.

Yasitara: espécie de palmeira da Amazônia de cujas fibras se fabricam cestos.

Ygapó: região da floresta amazônica alagada.

Ygapapé: rio pequeno; riacho.

Ygarité: canoa grande (ygara: canoa pequena).

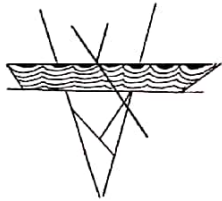
Símbolos Maraguá



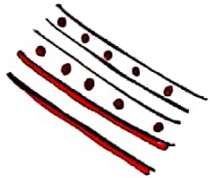
Símbolo da força, do poder.



Símbolo da infância.



Símbolo do conhecimento.



Símbolo da onça, usado pelo clã Yaguaretê.



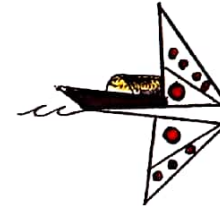
Símbolo da cobra, usado pelo clã Çukuyê.



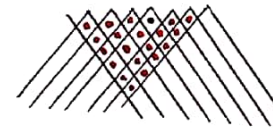
Símbolo dos fantasmas ou Wākākā.



Símbolo do boto, usado pelo clã Piraguá, o clã do Boto.



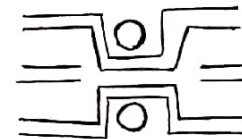
Grafismo de brancos, barcos e cidade.



Símbolo da tukādera.



Símbolo da morte, da tristeza e de Anhāga.



Símbolo de viagem, ida.



Símbolo do povo Maraguá ou o peixe-boi.

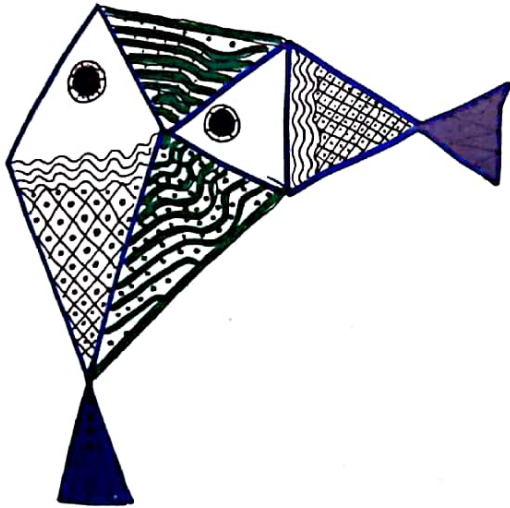
O autor e ilustrador

Yaguarê Yamã é o nome indígena de Ozias Gloria de Oliveira. Geógrafo, nascido no Amazonas, de etnia Maraguá-mawé por parte de pai e Maraguá-parintintim por parte de mãe.

Até os onze anos morou na aldeia, quando se mudou para Parintins, onde cursou o Ensino Fundamental. Fez o Ensino Médio em Manaus. Formou-se na faculdade de geografia na Unisa, em São Paulo, onde morou por seis anos, lecionou no ensino público e fez palestras sobre a temática

indígena. Tornou-se escritor por incentivo do amigo Daniel Munduruku.

Atualmente reside e leciona no município de Nova Olinda do Norte, estado do Amazonas. É artista plástico e ilustrador especialista em grafismos indígenas. Participa da Aspim como vice-coordenador. É casado com a paulista Renata Gloria de Oliveira com quem tem dois filhos, Kawrê Yrãg e Kenatiê.



Impresso no Parque Gráfico da Editora FTD
Avenida Antonio Bardella, 300
Fone: (0-XX-11) 3545-8600 e Fax: (0-XX-11) 2412-5375
07220-020 GUARULHOS (SP)

Deborah Pacheco Siles
03/06/2014